

CRÔNICA PARA QUEM ? RELAÇÕES (INTER)SUBJETIVAS E USO/ABUSO DOS SENTIMENTOS NA IMPRENSA ESPORTIVA (1950-1958)¹

ANDRÉ ALEXANDRE GUIMARÃES COUTO²

1. Considerações Iniciais:

Este artigo procura discutir um determinado conjunto de fontes históricas – as crônicas esportivas oriundas do *Jornal dos Sports (JS)* – sob a luz de algumas discussões teóricas e metodológicas da linha de pesquisa Intersubjetividade e pluralidade: reflexão e sentimentos na História.³

Nosso projeto de pesquisa visa compreender a importância do jornalismo esportivo para a cidade do Rio de Janeiro e para a própria sociedade brasileira, a partir da análise crítica de crônicas que eram publicadas no referido periódico no período de 1950 a 1958. Este recorte cronológico se justifica pela continuidade de nossas pesquisas realizadas no Mestrado em História Social (UERJ/FFP) e concluídas em 2011. Outra justificativa para esta escolha tem em vista que o período de consolidação do jornalismo esportivo havia se passado nas décadas anteriores (1930 e 1940), e é justamente na década seguinte, a de 1950, que o futebol se torna uma peça ainda mais importante de discussão em torno não só das identidades – a nacional, as regionais, as locais, as subjetivas e outras – mas, também, porque temos a

¹ Este artigo foi elaborado a partir do aprofundamento do Projeto de pesquisa “Cronistas Esportivos em Campo: Letras, Imprensa e Cultura no *Jornal dos Sports (1950-1958)*”, realizado na disciplina Seminário de Tese em Intersubjetividade e pluralidade: reflexão e sentimento na História II, ministrada pela Prof.^a Dr.^a Karina Kosicki Bellotti.

² Professor e historiador, Mestre em História Social (UERJ/FFP), integra como pesquisador, o SPORT – Laboratório de História do Esporte e do Lazer da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), o NEFS – Núcleo de Estudos Futebol e Sociedade da Universidade Federal do Paraná (UFPR), o NEPESS – Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Esporte e Sociedade da Universidade Federal Fluminense (UFF) e o NIESE – Núcleo Interdisciplinar de Estudos Sociais sobre Esporte da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ/FFP). É Doutorando em História do Programa de Pós-Graduação em História da UFPR, sob a orientação do Prof. Dr. André Mendes Capraro.

³ Linha de Pesquisa do Programa de Pós-Graduação em História da UFPR

conformação de uma sociedade de massas e do processo de espetacularização do esporte justamente neste período.

Também não poderíamos deixar de destacar que o período estudado é também plural no que diz respeito às mudanças políticas, econômicas e culturais em nosso país. Mais do que entendermos estas transformações apenas por uma conjuntura histórica dada, como um plano de fundo desfocado, procuramos compreender os nossos objetos de pesquisa como produtos diretos desta realidade.⁴

Ou seja, nossa perspectiva de análise procura entender que os autores das crônicas esportivas eram homens que procuravam trabalhar em seus textos no limite entre a literatura e a imprensa, entre a ficção e a realidade, entre a vida esportiva e a cultural sem, todavia, procurar sobrepor uma destas dimensões sobre a outra. Realizavam, sem nenhuma pretensão acadêmica, uma análise social por meio do esporte e dos diversos assuntos que cercavam as práticas desportivas, principalmente o futebol. Temas como saúde, sociabilidades, identidades, regionalismos, disciplina social e outros poderiam ser encontrados nas linhas das crônicas esportivas. Mais adiante, poderemos identificar alguns destes temas em breves exemplos.

Tais autores procuraram re(criar) representações sociais a partir de uma visão que idealizava uma adesão ao campo esportivo por meio das relações entre indivíduo/nação, localidade/nacionalidade, celebração do esporte/organização esportiva, futebol/demais modalidades esportivas, dentre outras que poderão ser discutidas ao longo dos próximos anos nesta pesquisa.⁵ Sobre o último ponto, cabe reforçar o forte sentido organizativo e disciplinar que interpretavam acerca dos esportes, principalmente o futebol. Lembramos, mais uma vez,

⁴ Para entender um pouco mais este período, em todos os seus aspectos (político, econômico, social e cultural) poderíamos citar muitas obras interessantes. Um texto que procura compreender a conformação da sociedade capitalista no Brasil para nós é bastante apropriado, pois tratamos com a indústria do espetáculo. Ficamos, então, com MELLO, João Manuel Cardoso de e NOVAIS, Fernando A. Capitalismo tardio e sociabilidade moderna. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz. *História da Vida Privada no Brasil*. V. 4. São Paulo: Companhia das Letras. Todavia, para dar conta de uma história da imprensa, não poderíamos deixar de citar duas importantes obras: a clássica de SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad, 1999. 4. ed. e também BARBOSA, Marialva. *História Cultural da Imprensa: Brasil – 1900-2000*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

⁵ Cabe informar de que não tratamos aqui de dualismos, mas sim de dualidades, ou seja, da natureza de determinadas relações terem diversas naturezas de análise e não apenas simples contradições antagônicas.

que tal fato ocorria em um período de democracia liberal e pluripartidarismo político, além de plena vigência de uma série de políticas econômicas voltadas para a ampliação do parque industrial e da infraestrutura interna brasileira por meio de medidas desenvolvimentistas de governo.

Portanto, o que nos interessa por aqui no momento, é entender quem são estes autores e cronistas e sua visão de sociedade a partir das obras deixadas – as crônicas esportivas do *Jornal dos Sports*. Não temos a intenção de criar um estudo biográfico neste momento, pois teríamos que avançar muito na pesquisa individual dos autores escolhidos. Todavia, podemos informar que os mesmos tinham um destaque nas páginas do jornal, pois na maior parte das vezes, eram escritores que “colaboravam” com o veículo de comunicação e tinham outras ocupações na sociedade, como literatos, dirigentes esportivos e políticos, por exemplo.

Eram “estrelas” de um espetáculo cada vez mais vendável – o jornalismo esportivo brasileiro – e suas obras se tornavam um canal de comunicação direto com o público leitor e comentarista.⁶ Este “fenômeno” no mundo da imprensa esportiva se tornou ainda mais popular a partir da década de 1940, por diversos fatores, dos quais destacamos o próprio crescimento do público em torno do futebol e, também, o desenvolvimento do aparato tecnológico das empresas de comunicação.⁷ Ocorreu, em certa medida, um processo de fidelização do leitor que acompanhava as páginas dos jornais por conta das crônicas de determinados autores.

Para entender os nossos sujeitos históricos, e por que não, os nossos objetos de pesquisa, precisamos compreender também que o periódico em questão foi escolhido pela sua importância no mundo esportivo e das comunicações. O *Jornal dos Sports*, criado em 1931, se tornou em poucas décadas o principal diário esportivo brasileiro, tornando-se uma

⁶ Entendemos o público comentarista como aquele que não tinha acesso direto ao jornal, seja por questões econômicas, seja por questões sociais, como as altas taxas de analfabetismo, por exemplo. Em nossa compreensão, no entanto, não ficavam necessariamente distantes das discussões em torno do esporte. Levamos em conta aqui a noção de circularidade das ideias e de que como os espaços físicos como cafés, bares, filas, bancas de jornais e painéis de destaque nas portas das empresas de comunicação se tornavam ambientes de troca e de discussão do que era vivido no mundo esportivo e de que como eram interpretados pela imprensa especializada.

⁷ Cabe destacar o aumento do interesse pelo futebol a partir da *performance* da seleção brasileira na Copa do Mundo de 1938, na França, quando terminou o torneio na terceira colocação. Além disto, esta competição elevou a importância de um ídolo nacional do futebol: Leônidas da Silva, o Diamante Negro.

referência para a divulgação do que ocorria de mais importante nos estádios, quadras e piscinas esportivas. Apesar da dedicação em torno do futebol, por conta da popularidade deste esporte, o jornal nascera com a intenção de abrir espaços para todas as modalidades esportivas, o que realmente ocorrera. (COUTO, 2011).

A escolha por este jornal, portanto, se justifica pela sua representatividade no universo da imprensa e dos esportes no Rio de Janeiro e na própria sociedade brasileira. Por mais que saibamos que as notícias procuravam dar conta de uma visão carioca de entender o futebol e os demais esportes, inclusive no sentido de estimular rivalidades regionais como a com São Paulo, por exemplo, ainda assim arriscamos pontuar o *JS* como exemplar, por conta de sua estrutura, de sua relação com o público leitor e comentador e, muito importante para nós, de suas crônicas.

Desta forma, cabe discutir, então, o nosso objeto específico: as crônicas esportivas. Para compreendermos um pouco mais este tipo de narrativa literária, utilizamos a base teórica de Antonio Candido, que propõe um trabalho de análise não só da funcionalidade da crônica, mas, principalmente da realidade social em que esta obra está inserida. (CANDIDO, 1992 e 2000). A crônica, para Candido, possibilita re(criar) representações sociais baseadas nas escolhas destes observadores cotidianos e contar acerca do que veem e do que vivem em determinados períodos da História. Porém, a fronteira entre ficção e realidade é uma das principais características das crônicas, sejam esportivas ou não.⁸

Para este autor, a crônica propunha um olhar microscópico sobre uma realidade mais ampla e geral. De acordo com este autor, o cronista “(...) Portanto, pega o miúdo e mostra nele uma grandeza, uma beleza ou uma singularidade insuspeitadas. É amiga da verdade e da poesia (...)” (CANDIDO, 1992: 14)

Aqui, interpretamos não só como uma ampliação de uma análise social mais complexa a partir de uma história pontual, específica e, a princípio, considerada menor, mas também como é possível, para um autor/cronista, tornar algo simples, corriqueiro e, muitas das vezes, sem um

⁸ A Obra de Candido não discute a crônica esportiva de forma pontual, mas sim a crônica de forma geral.

interesse maior, em uma minioobra literária, carregada de um lirismo e de um conteúdo poético e lúdico.

A crônica pode ser considerada, então, uma microscopia da sociedade em questão, procurando no minúsculo, no personagem (fictício ou real), uma identidade cultural individual que se reflete em um todo, em uma conjuntura mais dinâmica e dialética da qual possamos compreender um pouco mais as instituições e as relações sociais existentes e, dependendo do aprofundamento da análise, até mesmo das redes que se estabelecem entre elas.

Portanto, podemos retornar às nossas questões mais pontuais que queremos tratar neste trabalho, ou seja, a relação entre o nosso objeto de pesquisa e a discussão teórica acerca do conceito de subjetividade.

2. Crônicas são peças (inter)subjetivas?

Após apresentarmos a nossa proposta de pesquisa do ponto de vista mais macro, no item anterior, discutiremos as características de nossas crônicas do ponto de vista da relação dos autores com as suas respectivas obras. Podemos, de imediato, tentar responder à questão que se apresenta no subtítulo supracitado.

Conforme já tratamos, as crônicas são um gênero literário que transita entre a ficção e a realidade. Desta forma, acreditamos que este tipo de narrativa está em certa medida carregada de percepções subjetivas. Ou seja, o autor/cronista tem a liberdade da criação de representações sociais e até mesmo individuais a partir de uma leitura específica, de sua interpretação pessoal, de seus interesses e desejos. Esta discussão é até um pouco mais ampla se pensarmos que outros gêneros literários são obras que também possuem um alto grau de subjetividade como o romance, por exemplo. (FERREIRA, 2012: 61-91). Porém, no caso de nosso objeto, lembramos que existe uma necessidade clara de apoio em algo real, cotidiano e de interesse geral.

A crônica possibilita este trânsito entre estas duas dimensões da realidade: o que é fato e o que é inventado. Apesar de consideramos que nem sempre esta separação é tão monolítica e diametralmente oposta e dicotômica, também não podemos aceitar uma interpretação da sociedade, principalmente historiográfica, onde não possamos saber o limite entre o que é arte e o que é análise crítica e social. Concordamos com Ferreira de que: “(...) toda ficção está

sempre enraizada na sociedade, pois é em determinadas condições de espaço, tempo, cultura e relações sociais que o escritor cria em seus mundos de sonhos, utopias ou desejos, explorando ou inventando formas de linguagem.” (FERREIRA, 2012: 67).

Desta forma, consideramos a análise deste material literário uma fonte inesgotável não só para compreendermos um pouco mais a sociedade e as devidas relações sociais em determinados momentos na História, como também de valorizar a própria produção historiográfica, ao adotarmos novas formas de compreensão do passado e da memória.

Se a crônica é uma forma subjetiva de compreender determinados fatos, não exatamente por um método ou escolha aleatória do autor, mas sim porque faz parte de um todo conjuntural, lembramos que aquele se cerca de seus pares, que por sua vez mantem relações sociais, políticas e econômicas com outros indivíduos de uma determinada sociedade. Portanto, cabe entender melhor a subjetividade do próprio autor, que torna o seu próprio objeto (os assuntos por ele tratados) em sujeitos de uma História.

De acordo com Sarlo, esta “guinada subjetiva” surgiu a partir das décadas de 1970 e 1980, quando houve uma preocupação do mundo acadêmico em valorizar as narrativas da primeira pessoa, assim como as identidades dos sujeitos, diferenciando-se da década anterior (1960), quando a preocupação maior era com as estruturas. (SARLO, 2007: 18-19). Tal iniciativa mais recente não visava destituir a influência da ideologia marxista na produção historiográfica e acadêmica, mas sim avançar em novas possibilidades de entender o passado.

Nossas crônicas podem, desta forma, propor um diálogo entre um sujeito (o cronista) e diversos outros sujeitos de uma mesma História: a pauta do autor está devidamente vinculada às suas intenções e desejos, mas também à observação de uma realidade.

Como apoio ao nosso raciocínio, dialogamos com Sarlo a respeito destas formas subjetivas de testemunho do passado:

A idéia de entender o passado a partir de sua lógica (uma utopia que moveu a história) emaranha-se com a certeza de que isso, em primeiro lugar, é absolutamente possível, o que ameniza a complexidade do que se deseja reconstituir; e, em segundo lugar, de que isso se alcança quando nos colocamos na perspectiva de um sujeito e reconhecemos que a subjetividade tem um lugar, apresentado com recursos que, em muitos casos, vêm daquilo que, desde meados do

século XIX, a literatura experimentou como primeira pessoa do relato e discurso indireto livre: modos de subjetivação do narrado. (SARLO, 2007: 18. Grifo nosso)

A narrativa literária, portanto, possibilita, mesmo com altas doses de ficcionalidade, reconstruir um passado histórico e compreender uma dada realidade, desde que saibamos que ela está carregada de subjetivação. Esta, não se coloca como um entrave à ciência ou ao fazer histórico, mas é um elemento possível e frutífero de trabalho analítico.

Também nos chama a atenção a relação entre narrativa e experiência, pois ambas as ideias estão, de acordo com a referida autora, em constante diálogo. Se pensarmos novamente em nossos cronistas esportivos, podemos acrescentar que esta função cabia invariavelmente aos mais experientes, veteranos e influentes no círculo jornalístico, sem falar, como já tratamos, que eram atuantes em demais redes sociais que constituíam como a política, por exemplo.

Para Sarlo,

A narração da experiência está unida ao corpo e à voz, a uma presença real do sujeito na cena do passado. Não há testemunho sem experiência, mas tampouco há experiência sem narração: a linguagem liberta o aspecto mudo da experiência, redime-a de seu imediatismo ou de seu esquecimento e a transforma no comunicável, isto é, no comum. A narração inscreve a experiência numa temporalidade que não é a de seu acontecer (ameaçado desde seu próprio começo pela passagem do tempo e pelo irrepitível), mas a de sua lembrança. A narração também funda uma temporalidade, que a cada repetição e a cada variante torna a se atualizar. (SARLO, 2007: 18. Grifo da autora)

Sarlo trata experiência não apenas como um acúmulo de tempo vivido, mas o ato de experimentar, de estar no tempo e no local adequados. Todavia, no caso das crônicas, não só a noção de experiência *in loco*, discutida pela autora supracitada, mas o acúmulo de informações e vivência sobre o esporte eram importantes para o sucesso de uma coluna no JS, por exemplo.

A ideia de uma temporalidade reconstruída também é interessante para pensarmos sobre os poderes de uma narrativa: o tempo do que é narrado é plenamente alterado de acordo como vários fatores. Em uma crônica, por exemplo, dependerá de quando vai ser lida, de que tempo trata o texto, quais memórias estão sendo revividas e comparadas com um tema atual. Além disto, temos o tempo inventado, um subterfúgio muito comum entre os cronistas esportivos.

Á guisa de exemplificarmos esta relação subjetiva de temporalidade, temos uma crônica de Manoel Vargas Netto⁹:

Controle Médico

Os rapazes que jogam football quando sofrem qualquer restrição do médico, entendem que é perseguição ou má vontade do clínico. Em vez de agradecer ao médico pelo cuidadoso exame feito, o jogador, recusado ou posto em quarentena, revolta-se, fica zangado com o facultativo, como se este fosse o culpado das enfermidades ou deficiências físicas que outros apresentem.

Não é raro, em tais casos de recusa, ouvir-se de interessados torcedores ou do próprio atleta, que o médico errou, que aquilo é besteira, que o atleta jogou sempre, e nunca sentiu nada!

Muitos até insistem na prática desaconselhada deste ou daquele esporte.

Um dia a casa cai...

Quando o médico acusa um defeito é porque o encontrou. E se o encontrou é porque prestou boa atenção ao exame, teve zelo, e por isso só pode ser elogiado. O interesse não é de quem examina, mas do examinado. Tentar iludir o médico é iludir-se a si mesmo.

Agora no Rio Grande do Sul aconteceu um fato sobre o qual devem meditar todos os atletas.

Um rapaz de vinte e dois anos, forte, entusiasta, que era dianteiro de um clube de Osorio, morreu em pleno impulso de um lance esportivo. Apoderou-se da bola, driblou toda a defesa adversária, e quando entrou na área do goal, sozinho, frente a frente com o keeper sem defesa, e todos esperavam o goal, o dianteiro caiu morto, fulminado por um ataque cardíaco.

Se esse rapaz se sujeitasse a controle médico e o obedecesse, talvez, estivesse vivo até hoje, ou quem sabe, até muitos anos.

O controle médico é uma necessidade para o desportista. (VARGAS NETTO, 1947: 7)

A temporalidade discutida pelo cronista, ou seja, o presente, é trazida para a discussão central: a preocupação com a saúde e a relação entre esporte e preparação física. A palavra “agora” é usada para que o fato contado – a morte do atleta – esteja no tempo mais próximo

⁹ Manuel do Nascimento Vargas Netto era sobrinho de Getúlio Vargas, e filho do Ministro Viriato Dorneles Vargas e, como o restante da família, nascera em São Borja (RS). Vargas Netto também era escritor, autor de uma série de poemas regionalistas. Vargas Netto foi presidente durante quase uma década da Federação Metropolitana de Futebol (FMF). Foi membro do CND (Conselho Nacional de Desportos) e vice-presidente do Comitê Olímpico Brasileiro (COB) por oito anos. Também era advogado e foi Deputado Federal e Procurador do Estado do Rio de Janeiro. Fonte: HOLLANDA, Bernardo Buarque de. O cor-de-rosa: ascensão, hegemonia e queda do *Jornal dos Sports* entre 1930 e 1980. In: HOLLANDA, Bernardo Buarque de e MELO, Victor Andrade de. *O esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012. P. 94-95.

do leitor, criando um clima de proximidade não só com a situação trágica, carregada de emotividade, mas também com o eixo temporal da narrativa.

Porém, o próprio cronista se trai no final de seu texto, quando informa que o jogador “talvez, estivesse vivo até hoje”, revertendo a temporalidade para o passado, indefinido e dúbio. Não discutiremos aqui o lado ficcional desta crônica esportiva, ao analisar uma situação inverossímil da forma como fora narrada. Se o atleta morreu de fato ou não, ou se morreu do modo como Vargas Netto conta, neste caso, é um mero detalhe para o cronista. O objetivo fora alcançado ao tratar da necessidade cientificista de cuidados com a atividade física para os atletas.

Desta forma, se acreditamos que a crônica é de fato uma narrativa criativa, explica-se, para tanto, dentre outros motivos, pelas possibilidades do uso e abuso da noção de temporalidade.

Se a própria noção de tempo é subjetivada pelas intencionalidades do autor, podemos, de alguma forma, entender que a crônica é um espaço de possibilidades de narrativas biográficas do campo literário? Tentando responder esta questão, nos apoiamos na obra de Arfuch (2010), que trata do conceito de espaço biográfico. (ARFUCH, 2010). Para esta autora, a autobiografia tornou-se um gênero que marcou a subjetividade burguesa por possibilitar a leitura de sociedade a partir da diluição rígida e fixa do muro que separava a esfera pública e privada. Sobre esta última dimensão, o romance abria a abertura de hábitos, ações, comportamentos e ambientes privados para um público cada vez mais amplo.¹⁰

E as crônicas, em especial as esportivas? Tornam-se de alguma forma integrantes deste espaço? Acreditamos que sim, pois se este gênero não tem necessariamente a intenção de ser auto(biográfico), na maioria das vezes, é narrada em primeira pessoa, em um discurso direto ao leitor, sem intermediários ou mediadores. Esta relação entre autor, obra e público, possibilita, em nossa opinião, uma re(interpretação) das próprias subjetividades destes

¹⁰ Trabalhamos a partir de um ponto de vista mais amplo da atuação da imprensa como elemento de ampliação da esfera pública. Sobre isto, nos apoiamos na obra de HABERMAS, Jürgen. *Mudança Estrutural da Esfera Pública*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003. A crônica, por questões amplas – como parte da imprensa – e por questões mais pontuais que tratamos brevemente neste ensaio, faz parte deste processo.

protagonistas, pois a interação, o diálogo e a recepção das informações são dinâmicas e constantes.¹¹

Enfim, esta invasão do público pelo privado possibilita, no campo esportivo, a apreensão e o compartilhamento de determinados sentimentos e afetividades que, tornam-se coletivos ou ressignificados pelas individualidades envolvidas. De acordo com Arfuch,

Essa visibilidade do privado, como requisito obrigatório de educação sentimental, que inaugurava ao mesmo tempo o olho voyeurístico e a modelização – o aprender a viver através dos relatos mais do que pela “própria” experiência-, aparece como um dos registros prioritários na cena contemporânea, embora quase já não seja necessário espiar pelo buraco da fechadura: a tela global ampliou de tal maneira nosso ponto de observação que é possível nos encontrarmos, na primeira fila e em “tempo real”, diante do desnudamento de qualquer segredo. (...) (ARFUCH, 2010: 48)

Segredos, impressões e sentimentos não faltavam nas crônicas do JS, assim como o desnudamento de um mundo privado – o da organização esportiva, do cotidiano dos clubes e dos atletas, das relações individuais entre autoridades do mundo político e da vida esportiva, etc. O campo dos esportes tornava-se um ambiente mesclado pela interrelação entre a esfera pública e a privada. Para alimentar o interesse pelo campo, as emoções impregnadas nos textos jornalísticos tornaram-se uma característica peculiar deste gênero. No próximo item, vamos, de forma breve, explorar os usos dos sentimentos neste gênero literário e jornalístico.

3. Usos e abusos dos Sentimentos na Imprensa Esportiva

Uma das principais características da imprensa esportiva, a partir das décadas de 1930 e 1940, é o apelo à emotividade e aos usos dos sentimentos nos textos jornalísticos. Neste caso, o espaço dado às crônicas nestas publicações esportivas tornou-se o ambiente privilegiado para o diálogo intersubjetivo, com o debate das questões cotidianas, com a mistura entre os mundos da ficção e o da realidade, e, também, com o trabalho com uma matéria-prima importante para a imprensa: o universo das emoções.

¹¹ Ainda acerca do romance, Arfuch informa que “O que se estava produzindo nesse tipo de escrita, que capitalizava tanto a prática do diário íntimo como a forma epistolar, era uma mudança substancial nas relações entre autor, obra e público, que adquiriam assim um caráter de “inter-relações íntimas” entre pessoas interessadas no conhecimento do “humano” e, conseqüentemente, no autoconhecimento”. ARFUCH, Leonor. *Op. Cit.* P. 46-47.

A crônica esportiva tornava-se, então, um ingrediente a mais, que nos leva a entender que o futebol, por exemplo, era um objeto de análise carregado de paixões identitárias (nacionais, locais, individuais, urbanas etc) para o autor e que à medida que o esporte se tornava um dos principais elementos no aumento da venda de periódicos, o tratamento e a disponibilização de espaços internos nos jornais mudaram de forma significativa. (COUTO, 2011).

Desta forma, não podemos compreender o desenvolvimento deste gênero e tipo literário, a crônica esportiva, apenas do ponto de vista das mudanças discursivas de determinado período histórico, mas também em um contexto de desenvolvimento de uma indústria cultural de massas. Não uma qualquer, mas a que pudesse agregar em seu discurso a interação entre observação e apoio ao fenômeno esportivo que batia a porta dos jornais.

Portanto, para além dos conteúdos e temas retratados por este objeto de análise, a relação entre os fatores emoção/sentimento/criação autoral é um dos elementos chave para a compreensão do todo. De acordo com Capraro, podemos entender que:

Além da reflexão sobre identidade nacional, outra característica típica das crônicas, independente ao período, é o envolvimento emocional. Ora na tentativa de um discurso racionalizado, ora com uma proposital passionalidade, transbordando sentimentos, principalmente o de paixão. É raríssimo, encontrarmos literatos sem um engajamento definido a respeito do futebol. No momento inicial, por exemplo, com a tensa discussão intelecto-científica sobre a sensatez, ou não, da juventude elitista, que aderiu quase consensualmente ao esporte de origem inglesa; posteriormente com os posicionamentos sobre o significado social do selecionado brasileiro (se era ou não, um símbolo de pátria); e depois com o debate acerca da espetacularização do esporte (o cronista nostálgico versus o futurista). (CAPRARO, 2007: 42)

Desta forma, este autor nos ajuda a pensar, apesar de não ser a sua preocupação principal, uma unicidade ou mesmo uma característica mais própria da crônica esportiva: a paixão. Os sentimentos oriundos da passionalidade que o futebol e os esportes como um todo podem oferecer na relação autor/leitor corroboram para sustentação quase magnética que este gênero literário pode causar nos aficionados esportivos. E traduzem e criam muitas das representações sociais que transitam no tripé esportes/sociedade/literatura.

Para termos mais um exemplo da crônica de Vargas Netto e sua capacidade de recriar a realidade, construindo, por vezes, mitos e heróis, cito a epopeia de Milton Braga Rolla:

Vem de Rio Branco, lá do longínquo território do Acre o Sr. Milton Braga Rolla, presidente do Clube de Football Fortaleza, da capital daquele território. O Fortaleza está sem campo. Tem o terreno, mas precisa de um auxílio para as instalações e o seu presidente veio do Acre ao Rio de Janeiro na esperança de conseguir esse auxílio.

O Brasil é grande, mas a abnegação, a perseverança e o idealismo desse desportista não se intibiam com as distancias territoriais. Veio à sua custa lutar pelo seu pequeno clube, em nome dos seus duzentos e tantos socios. As lonjuras do nosso país não foram obstáculo para seu presidente de um clubezinho acreano, que acredita na solidariedade dos seus patrícios.

E acredita mais porque está na fronteira, quero dizer, face a face com o estrangeiro, vendo outra bandeira panejando em frente à sua, ouvindo língua diferente, confrontando interesses diversos.

É esse sentimento de extremo, de vanguarda, de testa de tropa, que dá, do fronteirista, uma afetuosa confiança nos irmãos “mais para dentro”. Não deixam esse homem voltar desconsolado! Não o desamparem! Não o desiludam! Ele é o tipo de herói confiante. Ele acredita no amparo do C.N.D. e, portanto, do Governo.

É um homem pobre que trabalha pelo seu ideal desportivo. Atravessou milhares de milhas e veio ao Rio pedir que o ajudem no seu trabalho de construção. Não pede nada para ele. Pede para o seu clube, que vai adestrar aquela mocidade dos confins da pátria! Ele pede para o Brasil! Ele é um desportista, senhores! Correspondam ao seu esforço, porque é por um ideal. (VARGAS NETTO, 1947: 4)

Esta crônica é exemplar, pois permitia ao escritor dissertar sobre uma série de questões importantes para o jornal, como, por exemplo, a capacidade dos esportes em criar uma melhor integração nacional. Vargas Netto apela para que as autoridades pudessem colaborar para que o campo esportivo no Acre, e portanto no Brasil, fosse ampliado e apoiado.

Para tanto, o autor em sua narrativa ficcional comenta que o desportista acreano, um verdadeiro herói nacional, vive no limite da brasilidade, na fronteira com o exterior, “face a face com o estrangeiro” e “vendo outra bandeira”. O sentimento nacionalista, mais uma vez, é lembrado e conectado ao campo simbólico dos esportes.

Sua tarefa de vir ao Rio de Janeiro é lembrada como um ato histórico e heróico e tal fato não poderia ser esquecido pelas autoridades, reais responsáveis pela integração nacional do país. Suas intenções são idealizadas pelo cronista que o eleva a um nível quase mítico. Tudo em prol e em nome dos esportes. Sua grande missão é destacada no final da crônica, pois o sr. Milton estaria prestando um serviço à pátria, ao se responsabilizar pelo “adestramento da juventude” daquela fronteira. O perigo da fronteira, da convivência com o diferente modo de vida e cultura dos países vizinhos poderiam desvirtuar a identidade

nacional dos jovens acreanos, o que arruinaria o projeto de integração do Estado brasileiro. Os esportes, então, teriam o papel integrador, restabelecendo a ordem nacional e colaborando na manutenção do equilíbrio das forças políticas naquela região. Dava-se ao campo esportivo muito mais força e protagonismo do que a realidade possivelmente exigia. Porém, lembramos que a ideia de esporte como campo pedagógico de atuação social ainda hoje é veiculada nos programas e projetos educacionais.

Sentimentos de pertença e de uma identidade nacional em construção são elementos chave para compreender o combustível deste gênero literário. Para nos ajudar a entender um pouco mais estas questões, utilizamos dois trabalhos importantes que possibilitam o diálogo com os nossos objetos de pesquisa. Elias e Scotson, ao tratarem da relação entre estabelecidos e *outsiders*, nos alerta de que o processo de construção de fantasias e experiências afetivas nos escapam de nosso campo conceitual. (ELIAS e SCOTSON, 2000: 36-37).

De acordo com os autores,

No estágio atual do conhecimento, chegamos ao ponto de reconhecer que as experiências afetivas e as fantasias dos indivíduos não são arbitrárias – que têm uma estrutura e dinâmica próprias. Aprendemos a perceber que essas experiências e fantasias individuais, num estágio primitivo da vida, podem influenciar profundamente a moldagem dos afetos e a conduta em etapas posteriores. Mas ainda estamos por elaborar um arcabouço teórico passível de verificação para ordenar as observações sobre as fantasias coletivas relacionadas com o desenvolvimento dos grupos. (ELIAS e SCOTSON, 2000: 37).

Por mais que o objetivo do trabalho dos autores supracitados seja estabelecer uma base mínima de compreensão das relações sociais de determinados grupos, inclusive, para descobrir as origens do processo de união e exclusão dos mesmos, acreditamos que estas fantasias individuais são vivenciadas de forma coletiva, tendo, em muitas das vezes um compartilhamento nas experiências coletivas.

Na segunda crônica citada em nosso trabalho, o sentimento de pertencimento é utilizado a partir da divulgação de uma experiência individual, de um dirigente esportivo na fronteira do país. A identidade do Brasil, por exemplo, é tema frutífero das crônicas esportivas

e, sendo um “lugar-comum” ou não, inconclusa ou não, tornava-se fator de criação para as representações construídas de nossa sociedade.¹²

Finalmente, e não menos importante, temos a obra de Stuart Hall que nos auxilia na compreensão não apenas da ideia de sujeito na era pré, durante e a pós-modernidade, como também na construção de identidades nacionais. Hall declara que “(...) as identidades nacionais não são coisas com a quais nós nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da *representação*.” (HALL, 1999: 48. Grifo do autor). A ideia de pertencimento a uma nação são lembradas e reafirmadas pelas representações sociais construídas por determinadas instituições como o Estado, a família e, acrescentamos também, a imprensa, por exemplos.

A crônica, então, deve ser compreendida como uma ferramenta discursiva que privilegia uma série de sentimentos, inclusive, como já vimos e exemplificamos, o de pertença. Hall informa que “as culturas nacionais são compostas não apenas de instituições culturais, mas também de símbolos e representações. Uma cultura nacional é um *discurso* – um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos.” (HALL, 1999: 50. Grifo do autor).

Esta cultura nacional, então, de acordo com Hall, pode ser contada em cinco principais elementos, dos quais destacamos, para finalizar este artigo, apenas o primeiro:

*(...) há a **narrativa da nação**, tal como é contada e recontada nas histórias e nas literaturas nacionais, na mídia e na cultura popular. Essas fornecem uma série de estórias, imagens, panoramas, cenários, eventos históricos, símbolos e rituais nacionais que simbolizam ou **representam** as experiências partilhadas, as perdas, os triunfos e os desastres que dão sentido à nação. (...) Ela dá significado e importância à nossa monótona existência, conectando nossas vidas cotidianas com um destino nacional que preexiste a nós e continua existindo após nossa morte.* (HALL, 1999: 52. Grifos do autor).

Inter(subjetividades), narrativas, sentimentos e representações coletivas e individuais percorriam diariamente as páginas do *JS*, possibilitando identificar são só um pouco da

¹² Sobre a questão da construção das identidades nacionais no Brasil e a própria ideia destas serem fatores de “lugares-comuns”, ver o trabalho de BRESCIANI, Maria Stella. Identidades inconclusas no Brasil do século XX – Fundamentos de um lugar-comum”. In: BRESCIANI, Maria Stella e NAXARA, M. (Orgs.) *Memória e (res)sentimento*. Campinas: EdUnicamp, 2009. P. 399-426.

realidade que em viviam determinados grupos sociais como também escrutinar a vida cotidiana do cidadão do Rio de Janeiro no final da década de 1940 e nos idos de 1950. A crônica esportiva, portanto, é uma aliada importante para tal tarefa e seguindo as orientações de Ansart, assumimos o papel do historiador que se propõe a “acumular o estudo dos indícios, dos signos, dos traços” e também de “estudar as linguagens, os modos de comunicação e transformá-los em sintomas (...)”. (ANSART, 1999: 29). Se Ansart está mais preocupado, neste texto, com os estudos dos ressentimentos na História, nós, por outro lado, temos a mesma preocupação epistemológica, porém, nosso olhar também estará voltado para outras manifestações afetivas da imprensa, como o próprio sentimento de pertencimento, a paixão e a felicidade, por exemplos.

4. Referências Bibliográficas:

- ANSART, Pierre. História e memória dos ressentimentos. In: BRESCIANI, Maria Stella e NAXARA, M. (Orgs.). *Memória e (res)sentimento*. Campinas: EdUnicamp, 2009.
- ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.
- BARBOSA, Marialva. *História Cultural da Imprensa: Brasil – 1900-2000*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.
- BRESCIANI, Maria Stella. Identidades inconclusas no Brasil do século XX – Fundamentos de um lugar-comum”. In: BRESCIANI, Maria Stella e NAXARA, M. (Orgs.). *Memória e (res)sentimento*. Campinas: EdUnicamp, 2009.
- CANDIDO, Antonio et al. *A Crônica*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1992.
- _____. *Literatura e Sociedade – estudos de teoria e história literária*. São Paulo: Queroz, 2000.
- CAPRARO, André Mendes. *Identidades Imaginadas: Futebol e Nação na Crônica Esportiva Brasileira do Século XX*. Curitiba: UFPR, 2007. Tese de Doutorado em História.
- COUTO, André Alexandre Guimarães. *A hora e a vez dos esportes: a criação do Jornal dos Sports e a consolidação da imprensa esportiva no Rio de Janeiro (1931-1950)*. São Gonçalo: UERJ/FFP, 2011. Dissertação de Mestrado em História Social.
- ELIAS, Norbert e SCOTSON, John L. *Os estabelecidos e os outsiders: Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

- FERREIRA, Antonio Celso. A fonte fecunda. In: PINSKY, Carla Bassanezi e LUCA, Tania Regina de. *O Historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2012.
- HABERMAS, Jürgen. *Mudança Estrutural da Esfera Pública*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.
- HOLLANDA, Bernardo Buarque de. O cor-de-rosa: ascensão, hegemonia e queda do *Jornal dos Sports* entre 1930 e 1980. In: HOLLANDA, Bernardo Buarque de e MELO, Victor Andrade de. *O esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012.
- MELLO, João Manuel Cardoso de e NOVAIS, Fernando A. Capitalismo tardio e sociabilidade moderna. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz. *História da Vida Privada no Brasil*. V. 4. São Paulo: Companhia das Letras.
- SARLO, Beatriz. *Tempo passado. Cultura da memória e guinada subjetiva*. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1977. 2ª edição. Mauad, 1999. 4. ed.
- VARGAS NETTO. Controle Médico. In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, nº 5.429, 04/05/1947. P. 7. Coluna A Crônica de Vargas Netto.
- _____. Desportista do Acre. In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, nº 5.432, 08/05/1947. P. 4. Coluna A Crônica de Vargas Netto.